

Era de madeira, o pisar forte fazia os móveis balançarem e as painéis dentro dos armários oscilavam empilhadas. O vento não só entrava pela janela como pelas frestas e pelos vãos do chão. As marcas de unha ficavam presas na madeira como uma cicatriz. Era azul, mas tinha uma descoloração causada pelo incontável desejo de raspar as lascas de tintas que se soltavam facilmente devido a ação de muito tempo de sol. As portas eram cinzas. A tinta criava bolhas dançantes: andavam, se esticavam, encontravam e depois se afastavam para seu lugar de princípio. Quando cansadas de tanto dançar, colapsavam em rombos, que mostravam não só a cor da madeira, mas de outros tantos dançarinos que ali outrora habitaram. O telhado abrigava uma série de musgos verde-marrom, gatos multicoloridos e vez ou outra um gambá solitário. Mas não me lembro do som, dos ruídos, dos sussurros, de como as vozes arranjavam-se entre o assoalho e as paredes de madeira, do som da tv ligada no quarto com vista da cozinha. Não lembro de me chamarem, nem sequer dos miados dos gatos.

Minha memória é inaudita